

SANTA MARTA

Fátima, 29.07.2014

Jo 11, 19-27

1 – Frente a frente, diante da morte de Lázaro, Marta e Jesus. Marta era irmã, Jesus um amigo. Um amigo da família. Aquele que havia deixado tudo, a terra e os parentes, que não tinha onde reclinar a cabeça, ia vivendo graças ao acolhimento de amigos, de famílias que o recebiam, no seu peregrinar. Uma destas famílias era esta, Marta Maria e Lázaro.

2 – Jesus não tem casa. Mas tem uma especial “moradia” para estar com os seus ou nos seus. Será para esta “moradia” que aponta quando formula outro tipo de resposta a alguns dos seus que o questionam sobre o lugar onde mora: “Vinde e vede” E eles foram e viram onde morava, aquele que não tinha casa, e ficaram com Ele.

3 – O “espaço” da sua residência estará em segui-lo, ir ao seu encontro, confiar e acreditar nele. Amá-lo. Estará na convergência do desejo de Jesus de os ajudar “Quem procurais” – pergunta igual é feita aos que procuram Jesus para o prender, e a Madalena que o procura no sepulcro – , com a preocupação dos discípulos “onde moras”. Efectivamente, se com a sua pergunta o Mestre significa a vontade que tem de os levar para o Pai – para a morada que lhes há-de preparar, a reacção dos discípulos significará a vontade de “encontrar” aquele que o Baptista lhes anunciara “O Cordeiro de Deus”.

4 – Será o que fica dito na primeira leitura que escutamos. Aquela misteriosa e bem-aventurada inabitação que acontece entre Deus e os crentes, os que se amam, que, pela fé, no amor, nasceram de Deus. “Deus permanece em nós, se nos amarmos uns aos outros”, e “nós permanecemos em Deus”.

5 – É este caminho que Jesus proporciona a Marta. Vamos dizer assim: da casa que ela tantas vezes lhe terá oferecido, à “morada” que Jesus lhe prepara. Morada que é Ele mesmo.

6 – Este percurso inicia-se no conhecimento que Marta tem de Jesus. Na confiança que nele deposita. Na sua fé incipiente naquele que acolhe em sua casa e com quem partilha o infausto acontecimento da morte do irmão.

7 – Marta tem a percepção que a presença de Jesus é incompatível com a morte. “Se ele tivesse estado presente, seu irmão não teria morrido”. Acredita que ele tinha capacidade para o curar da doença que o vitimou. E era suficientemente amigo para usar dessa capacidade a favor do irmão. E, mais do que isso, mesmo agora, ela sabe que tudo o que Jesus pedir ao Pai ele lho concederá.

Marta não pedirá nada a Jesus. Mas deixa a sua confiança. Coloca-se nos braços de Jesus. Entrega-se na sua fé e na sua dor.

8 – Jesus, partilhando da sua dor, estando com ela no seu sofrimento, entra pela porta da sua fé. “Teu irmão ressuscitará”. Ambígua a afirmação: mas quando? Marta esclarece, eu sei que ressuscitará no fim dos tempos.

9 – Assente naquela amizade, naquela confiança, naquela fé, Jesus revela, então, com toda a sua autoridade: “Eu sou a Ressurreição”. Acreditas nisto? Sim, acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo”. É o grande e definitivo passo de Marta. Chegou a “Jesus” na verdade inteira do mistério da sua pessoa.

10 – Jesus traz para o presente o que ela esperava para o futuro. A Ressurreição. Assim, na revelação que proporciona e na fé a que a chama como resposta, Jesus e Marta se fazem presentes um ao outro, assim permanecerão um no outro. A “morada” definitiva.

11 – Assim caminham todos os crentes, na comunhão com Jesus, para a libertação definitiva da vida de Deus, de que desde já vão usufruindo.

12 – Temos o caminho, Jesus. É por Ele que se nos abre o caminho da vida. Este Jesus, que marca o início do nosso ser Cristão, este Jesus que é preciso ouvir e anunciar como sempre, mas agora, com mais entusiasmo, com mais ardor e força redobrada, este Jesus, Evangelho do Pai, que o Papa Francisco apresenta como a fonte de alegria para todos os homens. O nosso riquíssimo tesouro.